

Editorial

No segundo volume de sua vigésima edição, *Cognitio* consolida ainda mais o seu compromisso com a divulgação de excelência da pesquisa acadêmica no campo da filosofia de matriz pragmatista. Vale destacar que desde o início *Cognitio* prima pela ampla divulgação do fértil debate no campo da filosofia pragmatista norte-americana, focada não apenas no pragmatismo clássico, mas também em seus desdobramentos contemporâneos, como os estudos nos campos da semiótica, lógica, filosofia da linguagem e ciência cognitiva; e também nas áreas da ética, estética e metafísica. Nesses vinte anos de publicações, *Cognitio* tem divulgado centenas de artigos de renomados pesquisadores brasileiros e estrangeiros advindos dos mais diversos países da América e Europa, bem como se dedica a publicar traduções de textos de autores como Charles S. Peirce e John Dewey, além de informar seu público com inúmeras resenhas sobre lançamentos de livros relevantes para os estudos do pragmatismo e estudos correlatos.

Nesta edição trazemos uma série de artigos fundamentados na história da filosofia, com destaque para ensaios que abordam férteis diálogos entre autores como Peirce, Aristóteles, Deleuze e Royce, confirmando as contribuições da filosofia pragmatista nos mais diversos campos da filosofia, como ética, semiótica e cosmologia. Também se destacam alguns artigos sobre relevantes temas atuais, como a ciência cognitiva e a tecnologia da informação.

Em primeiro lugar, apresentamos o artigo de Juliana Acosta López de Mesa, intitulado *Uma teoria semiótica do autocontrole*, no qual a autora assevera que seria possível uma aplicação da gramática especulativa de Peirce enquanto uma teoria da linguagem como forma controlada de sentimentos a serem compartilhados e comunicados.

Em seguida, Douglas Anderson, em artigo intitulado *Charles Peirce e as origens do pragmatismo norte-americano*, discorre, no âmbito de uma história da filosofia, sobre a importância dos estudos comparados e abrangentes acerca dos importantes diálogos e influências entre autores, sob o risco de se incorrer em dogmatismos e se fechar ao aprendizado; nesse caso, sua análise debruça-se, especificamente, sobre os autores do pragmatismo clássico americano. No terceiro ensaio desta edição, sob o título *Ética e razoabilidade ou como viver criativamente*, ainda na seara da história da filosofia, mais especificamente, no campo da história da ética filosófica, Hedy Boero dissecou o conceito de êthos — percorrendo os pensamentos de Aristóteles e Peirce —, além de associar esse conceito com outras importantes definições presentes na filosofia de Peirce, como razoabilidade, abdução e o ideal de admirável.

Por sua vez, em *C. S. Peirce e Josiah Royce: Entendimento, entendimento de si e desentendimento de si*, Vincent Colapietro contrapõe as abordagens dos filósofos norte-americanos Peirce e Royce a fim de analisar o problema da interpretação e do entendimento, no âmbito da investigação científica, asseverando, ainda, que ambos tiveram um compromisso com a inteligibilidade do cosmos em sua plenitude. Outro artigo que trilha na contraposição das ideias de Peirce com outros pensadores é o ensaio de Rogério da Costa intitulado *A presença da semiótica de C. S. Peirce nas*

reflexões de Gilles Deleuze sobre os signos; o artigo em questão sugere a presença de uma semiótica na filosofia deleuziana, além de aprofundar a importância das ideias de Peirce nos pensamentos de Deleuze e Félix Guattari.

Outro autor que versa sobre os possíveis diálogos entre Peirce e outros pensadores é David Dilworth. Em seu ensaio intitulado *Interpretantes emocionais, energéticos e entelíquios: pragmatismo epistêmico e ético em Ibri, Peirce e Aristóteles*, Dilworth perpassa a interseção da abordagem de Ibri acerca dos conceitos peircianos de interpretantes lógicos e emocionais com os outros conceitos peircianos, como o de homem-sígnio; para, por fim, debruçar-se sobre as origens clássico-aristotélicas da teoria semiótica peirciana, para associá-la, entre outros, ao sentido de *práxis* racional em Aristóteles, no âmbito de sua teoria ética.

Por sua vez, Ivo Ibri nos brinda com o artigo *A mente semiótica resiliente: relação conflituosa e agápica entre os interpretantes lógicos e emocionais*, no qual faz contribuições valiosas sobre análise do pensamento peirciano com temas recentes como a resiliência. Tal análise, como pretende Ibri, reflete sobre como a resiliência é uma propriedade necessária que toda mente deve ter para lidar com o conflito entre interpretantes emocionais e lógicos.

Qualidade e Forma na filosofia de Charles S. Peirce, artigo escrito por Alexandre Augusto Ferraz e Ítala M. Loffredo D'Ottaviano, discute a relevante correlação entre semiótica e cosmologia no interior da arquitetura filosófica de Charles S. Peirce, ao propor uma correlação identitária ente qualidade e forma no âmbito das inter-relações entre as categorias de primeiridade e terceiridade, que inclui um olhar para o intrincado jogo cosmológico-semiótico, contido na filosofia peirciana. Por sua vez, Lucia Santaella, em ensaio intitulado *A concepção ampliada da mente segundo C. S. Peirce*, trata da importante contribuição que o conceito de mente peirciano pode fornecer aos estudos no âmbito das ciências cognitivas na atualidade, sobretudo quando das indagações acerca das especificidades e implicações da inteligência artificial.

Alessandro Topa propõe dois ensaios sobre a visão de Peirce acerca da retórica, desenvolvida em alguns de seus escritos de maturidade (MS 774, 1904 e MS 1343, 1903). No primeiro artigo, publicado agora e intitulado *O segredo geral de interpretar signos efetivos: sobre as raízes aristotélicas do conceito de retórica de Peirce como dynamis, téchne e forma semiótica do summum bonum*, o autor disserta sobre as raízes aristotélicas da concepção peirciana da arte da retórica, à luz do conceito de *summum bonum*, tal como Peirce o fundamenta. Como destacamos, este ensaio está previsto para ser seguido de um segundo texto, que pretende tratar da concepção peirciana da retórica como ciência prática, associada à faculdade instintiva (cf. conceito de gráfico instintivo), que subsidiaria uma inerente capacidade de crescimento da semiose.

Por fim, apresentamos o artigo *Impactos das tecnologias informacionais de comunicação na conduta: contribuições da teoria peirciana de informação*, escrito por Max R. Vicentini, Valdirene A. Pascoal e Maria Eunice Q. Gonzalez, no qual se problematizam as relações entre informação e ação, a partir de um aporte de matriz peirciana, ao se discutir a importância da análise dos diferentes aspectos da informação (lógico-semânticos, pragmáticos e semióticos) para o estudo dos impactos das tecnologias informacionais de comunicações (TICs) no direcionamento

da ação humana, evidenciando as relevantes implicações éticas, ontológicas e epistemológicas do conceito de informação.

Encerramos esta edição com a tradução de Thiago Gomes do texto *O conceito de arco-reflexo na psicologia* de John Dewey. Ainda, trazemos uma resenha do livro *A critical introduction to the epistemology of memory*, de Glaupy Fontana Ribas e Úrsula Maria Coelho Lied.

Mais uma vez, desejamos aos nossos leitores uma excelente leitura, que seja estimulante e frutífera, e que contribua ainda mais para suas pesquisas, nas mais diversas áreas de estudos, dos inúmeras temas ora trazidos por **Cognitio**.

Lucia Ferraz Nogueira da Souza Dantas
Centro de Estudos de Pragmatismo – PUC/SP